

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17155 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 08 - Educação Superior

REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DA DIFERENÇA

Patricia Ferreira Moreira - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Débora Salvador Bizotto - UCS - Universidade de Caxias do Sul

REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA ACADÊMICA EM EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA DA DIFERENÇA

RESUMO: A experiência de vivenciar outras formas e estilos de leitura e escrita na universidade faz com que o leitor/pesquisador/a possa expandir sua visão de mundo, pensamento, imaginação, seu repertório cultural e sua linguagem. Conhecer e apreciar as obras a partir da tríade de D'O, Deleuze e Deligny se constitui numa tarefa intensa, instigante, provocativa e necessária na contemporaneidade. Ao lançarmos nosso olhar para a universidade na contemporaneidade é possível observar discordâncias entre o que é vivido e teorizado. Muitas são as amarras institucionais que impossibilitam o agir e pensar na perspectiva da diferença. Somos pouco estimulados a criar e registrar o pensamento com autonomia/autoria e quando chegamos na academia tendemos a repetir e reproduzir aquilo que já foi construído, havendo poucas brechas para a criação, problematização e experimentação. Não aprendemos a escrever por gosto ou prazer de dialogar, somente pela obrigatoriedade de seguir austeramente uma forma de “escrita científica”. A Pedagogia da Diferença nos desafia a pensar sobre outras possibilidades de leitura e escrita, da maneira inventiva de ser e estar no mundo, instigando o pesquisador a criar novas possibilidades, a rever o seu próprio conhecimento e se reinventar a partir da produção de novas pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita Acadêmica. Educação. Universidade. Pedagogia da Diferença.

O ato de escrever nos sugere ação, movimento, pensamento, reflexão, dentre tantas outras ações. Ao adentrarmos na universidade, a necessidade da produção escrita parece ganhar maior visibilidade e vigor, o que pode ocasionar sentimentos controversos para quem a escreve. Ao escrever ampliamos o nosso vocabulário e o potencial para engendrar novas palavras e conceitos, criando formas mais sofisticadas de comunicação. Revigoramos nossos pensamentos e ao fazê-lo deixamos as marcas de nossa subjetividade.

A experiência de vivenciar outras formas e estilos de leitura e escrita na universidade faz com que o leitor/pesquisador possa expandir sua visão de mundo, pensamento, seu repertório cultural e sua linguagem. Conhecer e apreciar algumas das obras de Jorge Ramos do Ó (historiador), Gilles Deleuze (filósofo) e Fernand Deligny (educador) se constitui numa

tarefa intensa, instigante, provocativa e necessária na contemporaneidade. É fundamental repensar sobre a nossa performance de pesquisadores diante do mundo e do conhecimento numa perspectiva da Pedagogia da Diferença.

Ao ler a produção “Sobre o gesto da escrita e outras coisas a mais” (2024) construída a partir da análise do livro “Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade” do historiador Jorge Ramos do Ó, observa-se que sua escrita é contemporânea e vai muito além do mero ato mecânico das mãos, ainda que delas saia o movimento que escreve o texto. Assim, evidencia-se a complexidade que envolve o ato de escrever.

Sobretudo, o objetivo maior da produção volta-se ao ato de vagar (modos de fazer), apontando a necessidade do lento movimento da escrita, do estudo e da pesquisa. De acordo com os pesquisadores Almeida, Maruju e Matos (2024), o livro indaga as relações existentes na sala de aula da pós graduação, debate a função do seminário, pensa o papel do investigador, discute a escrita e além disso, percorre pela profissão universitária, tensionando o modo pelo qual o conhecimento é produzido.

Além disso, os pesquisadores evidenciam que há um forte apelo para a coragem da escrita que necessita estar vinculada com o devir do mundo e do humano, uma escrita voltada ao desconhecido e para o diverso. O livro volta-se criticamente ao monólogo, à síntese, ao acordo passivo e a reprodução. Cogita-se novas formas de sociabilidade no interior da universidade.

Ao lançarmos nosso olhar para a universidade na contemporaneidade é possível observar dissonâncias entre o que é vivido e teorizado. Muitas são as amarras institucionais que impossibilitam o agir e pensar na perspectiva da diferença. Diante do observado, faz-se necessário a problematização da regulação sob muitos aspectos, especificamente no que compreende à escrita, a fim de provocar rupturas nas estruturas que moldam a sociedade e que regem as instituições educativas como um todo. É preciso descobrir na experimentação criativa da escrita a possibilidade do inédito.

No capítulo 2 do livro “Para uma escrita do devir - O legado da teoria pós moderna” Jorge Ramos do Ó (2019, p. 79) nos atenta, que nossa adoção intelectual como pesquisador tem de assumir-se como mais uma descrição interpretativa, um ponto de vista transitório, com explicação em diferentes direções. “Há, portanto, que olhar para a escrita acadêmica como um puro exercício de experimentação, da tessitura de uma mundividência que se ergue e aos poucos se impõe aos regimes de pensamento do próprio investigador.” Daí a necessidade da proposição de uma escrita mais inventiva, potente e reflexiva.

Por conseguinte, para o historiador Jorge Ramos do Ó, escrevemos para que a escrita possa prosseguir, para afastar-se das relações conhecidas e confortáveis, que temos trazido com a linguagem. O pesquisador é tido como aquele que toma algo inacabado, aberto, incompleto e a partir deste contexto amplia a sua construção. Nesta perspectiva, a escrita inventiva não é somente uma técnica da mão, contudo um procedimento ético, sempre

constituído com o outro.

Numa outra perspectiva, a obra *Risos* do filósofo Gilles Deleuze (2023), constitui-se em um conjunto de fragmentos, pistas, de encontros de aula de um professor/filósofo que problematiza o contexto de forma sarcástica, mediante sua atuação nos cursos ministrados na Universidade de Paris entre 1959 e 1987. São verdadeiros enigmas para atravessar, seus recortes não mudam. Foi escrita com base em gravações e desgravações. Para Deleuze, ler é encontrar as próprias moléculas que estão nos livros. Deleuze via a filosofia como um ato criativo, voltado para inventar novas formas de pensar e de ser.

Algumas ideias de Deleuze surgem no livro de Jorge Ramos do Ó (2019, p.82), e fazem referência à potência da escrita. Para o filósofo “escrever não é impor uma forma de expressão a uma matéria vivida”. O ato de escrever é intrínseca do devir, sempre em movimento, inacabada, a improvisar-se e a fazer-se. É, pois, um processo, uma passagem de vida que perpassa o que se possa viver ou experienciar e o vivido.

Deleuze, *apud* Jorge Ramos do Ó (2019 p.71) assumia o trabalho inventivo como estando afastado de quaisquer predicados antropológicos. “eu faço, refaço e desfaço os meus conceitos a partir de um horizonte móvel, de um centro sempre descentrado, de uma periferia sempre deslocada que os repete e diferencia.”

Neste contexto, para Deleuze a escrita se dá na extremidade do próprio saber, entre o que separa o saber e a ignorância e que faz passar um no outro. É deste modo que somos encorajados a escrever. Para o autor (2019, p.71) “Suprir a ignorância é transferir a escrita para depois, ou, antes torná-la impossível. Falamos, pois de uma ciência, mas de uma maneira que, infelizmente, sentimos não ser científica.”

Este sentimento de uma “escrita não científica” produz alguns rumores no pensamento do pesquisador, colocando em movimento a interrogação. Somos ao longo da nossa trajetória estudantil, pouco estimulados a criar e registrar o pensamento com autonomia e quando chegamos na academia tendemos a repetir e reproduzir aquilo que já foi construído, havendo poucas brechas para a criação, problematização e experimentação. Talvez assim seja mais fácil de controlar os corpos, o pensamento e aniquilar a imaginação e o espírito inventivo. Assim nos sentimos mais seguros e confortáveis diante de nossas amarras literárias.

O ato de escrever na academia por vezes desestabiliza, provoca rupturas, nos deixa vulneráveis, mas por onde começar? Sobre o que dizer? Para quem escrever? Qual a finalidade da pesquisa? Na busca por respostas a estas perguntas o pesquisador projeta um caminho, um percurso de estudos que pode contribuir para a construção de uma escrita inventiva, ou ainda pode torná-la entediante e escassa.

Não aprendemos a escrever por gosto ou prazer de dialogar, somente pela obrigatoriedade de seguir austeramente uma forma de “escrita científica”. Ao escrever temos a sensação de estarmos sendo vigiados por um leitor, um interlocutor sem voz que se faz mais

exigente e crítico. Por que não começar a escrever escrevendo e aprender a fazer fazendo? O desafio está lançado.

Sob outro enfoque, o escritor e educador Fernand Deligny nos presenteia com um conjunto de obras entre eles os livros: “Semente de Crápula - conselhos aos Educadores que gostariam de cultivá-la” e “Os Vagabundos Eficazes - operários, artistas, revolucionários, educadores”, que suscitam um movimento de pensamento no leitor/pesquisador, convocando-os a não o compreender. Exibe uma escrita interrogativa e não explicativa, na qual se utiliza da afirmação como problematização, por meio de uma escrita paradoxal e incapturável. A edição “Semente de Crápula – Conselhos aos Educadores que gostariam de cultivá-la” foi produzida no ano de 1945, sendo reeditada em 1960. É neste contexto que Deligny apresenta as “suas sementes”.

Além disso, sua escrita em “Sementes de Crápula” é constituída de parágrafos curtos, com a inclusão de imagens incluídas ao texto, é provocativo, despojado, reflexivo, extrapola em ironia, inventividade e pelo jogo de palavras que se potencializa por meio dos cento e trinta e seis (136) conselhos aos educadores.

Na introdução da obra, Deligny (2020) conceitua semente de crápula como sendo os filhotes do humano, é a semente de homem prestes a nascer num tempo que pode ser para daqui a pouco, para mais tarde ou nunca, tudo dependerá da colheita. O termo semente de crápula pode estar associado à ideia de um cultivo devasto, libertino que se origina e se produz de modo desregrado e infeccioso.

Neste contexto, o autor chama atenção para a colheita e, além disso acrescenta, que somos “nós os educadores” que cultivamos esta e tantas outras sementes capazes de infectar os campos e reforça que a planta está na semente e a semente já é planta, assim, é impossível modificar a natureza humana. Sugere, no entanto, trazer calma para o agitado e ensinar o dorminhoco a trabalhar dormindo, fazendo aquilo que é preciso.

Deligny (2020) esclarece ainda, que não contemos com o poder das palavras. É preciso fazer aquilo que é preciso, estando atento ao tempo necessário para que as coisas se realizem. Geralmente os cultivadores não conversam com suas plantas, fazem o que é preciso para que as plantas cresçam, respeitando os ciclos e a duração de cada plantio.

Nesta perspectiva, nos cabe uma reflexão sobre o tempo, o nosso tempo vivido. Temos tido o tempo necessário na universidade para ler, escrever, se arriscar, se distrair, se encontrar, se perder, dançar, compartilhar, cantar, rir e insistir naquilo que nos deixa vibrantes? Ou estamos tão imersos no cotidiano, que nos resta apenas sobreviver, competir, produzir se esvair e sumir?

Já no livro “Os vagabundos eficazes – operários, artistas, revolucionários, educadores” reeditado em 2018, Deligny escreve a partir das suas experiências institucionais vividas na classe especial, no asilo e no centro social. Demarca um período histórico assinalado pela

guerra, na qual as práticas de exclusão social cedem espaço as práticas de inclusão. O estilo do livro é de uma linguagem coloquial, poética, descritiva, vulgar e reflexiva. Faz uso de neologismos (novas palavras), gírias e expressões de revolta, além de criticar a moral burguesa-católica comum no meio educativo. O texto é atual e inspira diálogos sobre delinquência, prisão, desajustes sociais e educação, estabelecendo conexões com problemas de caráter social.

Para Deligny (2018) o verdadeiro educador é um “criador de circunstâncias”, capaz de arquitetar um novo meio para o inadaptado, espaço onde ele descobrirá suas aptidões. O termo “vagabundos” formula uma pedagogia da revolta, na qual não se trata de amar os “moleques”, mas sobretudo da intencionalidade dos educadores em ajudá-los e de ensiná-los a sobreviver diante de um mundo tão controverso.

Em suma, podemos considerar que o ato da escrita requer leitura, investigação, imaginação e se traduz por meio da produção de estilos. Cada escritor/autor possui um jeito próprio de criar e de expor suas ideias, convicções, vivências e inquietações. Muitas são as experiências de leitura e escrita ocorridas na academia, que apesar de serem distintas, se mostram complementares e interdependentes. Todavia, o ato de escrever está associado às práticas de leitura realizada, que possibilita a alteração da escrita.

Torna-se, portanto, necessário repensar sobre as nossas concepções de educação, cultura, identidade, delinquência, anormalidade, sexualidade, gênero, currículo entre outros, que foram firmadas durante o nosso processo formativo e educativo, considerando a educação como um espaço profícuo para a investigação e problematização científica.

Por fim, é possível destacar que os estudos realizados na perspectiva da Pedagogia da Diferença nos desafiam a pensar sobre outras possibilidades de leitura e escrita mediante a produção de novos conhecimentos, da maneira inventiva de ser e estar no mundo, provocando e instigando o pesquisador a criar novas possibilidades, a renovar e rever o seu próprio conhecimento e se reinventar a partir da produção de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. P. de; MARUJU, V. C. P. dos S.; MATOS, S. R. da L. Sobre o gesto da escrita e outras coisas mais. *Educação, [S. l.]*, v. 49, n. 1, p. e89/1–7, 2024.

DELEUZE, Gilles. [Risas] fuera de contexto. Traducción y notas: Pablo Ires y Sebastián Puente. 1a. edición – Buenos Aires, 2023.

DELIGNY, Fernand. Os vagabundos eficazes: operários, revolucionários, educadores. Tradução Marlon Miguel. São Paulo: n-1, 2018.

DELIGNY, Fernand. Semente de crápula. Conselho aos educadores que gostariam de cultivá-la. Tradução Juliana Jardim, Luíz Pimentel. São Paulo: n-1, 2020.

Ó, Jorge Ramos do. Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade. Lisboa: Edições do Saguão, 2019.